

# Jorge Vieira

## A invenção de novos seres

Quinze esculturas, em bronze e em terracota, e 27 desenhos, de Jorge Vieira, regressam à galeria São Mamede, onde em outros tempos já estiveram expostas. Já lá iremos. Recordemos antes que o escultor Jorge Vieira (n. em Lisboa, 1922, falecido em Estremoz, 1998), tirou o curso na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde veio a ser professor – como o foi também na Escola do Porto. Selecionado entre 3.500 escultores de 57 países pelo Concurso Internacional de Escultura ao Prisioneiro Político Desconhecido, em 1953, promovido pelo Institute of Arts de Londres, obteve o “Prix Concours” (os trabalhos premiados estiveram expostos na Tate Gallery). Chegou a frequentar a Slade Scholl of Fine Arts, beneficiando do contacto com artistas como Henry Moore ou Lynn Chadwick, e, entre outros certames, participou nas duas grandes Exposições de Artes Plásticas

da Fundação Gulbenkian, sendo distinguido com o 2º prémio na de 1957, e o 1º na de 1961, e na II Bienal de São Paulo; expôs no Brasil e no Pavilhão Português em Osaka, em 1970, etc. Com problemas de saúde, de vista, no final da vida, uma das suas últimas e mais conhecidas obras, feita para Expo Lisboa 98, é uma grande escultura arbórea em metal, no Parque das Nações, próxima do Pavilhão de Portugal.

E até ao ano da sua morte produziu também as pequenas figuras em terra cota agora de novo na São Mamede, um trabalho dos mais fascinantes do artista, estilizações onde a geometria funciona integrando reinvenções anatómicas, atitudes, feições, reconversões – uma espécie de mundo cómico, de mundo surreal, talvez por vezes a lembrar o brinquedo suscetível de passar pelas mãos das crianças, correndo enfim pelas planícies das salas.

Sem pressupostos de escola, alheio a tradições e mestres, entre a figuração e a abstracção, Jorge Vieira aprofundou o simbolismo mais insólito através de assimilação de um universo vocabular primitivista. Estes seres de pequena escala tratam o humano e o animal numa linha sincrética, onde a transfiguração, a metamorfose e a invenção do «boneco que sonha». Trabalhos dos anos 70 em diante, que os analistas desligam de fidelização curta ao surrealismo, as figurinhas, que podem ter 30 por 34 cm., alcançam, pela terra cota e engobes, uma visibilidade humanista estranha e por vezes arrebatadora.

Devemos acentuar que os objetos em bronze, casais longilíneos, de subtil desenho vertical, quase «alienígenos» formam uma das mais belas descobertas do autor. Mas essas esculturas, de referência antropomórfica de linhas subtis na articulação dinâmica



Jorge Vieira "Inventou novos espécimes de raiz humana"

de linhas e planos, decidiram-se para o Comptoir Suisse para a exposição de Bruxelas, 1957.

Voltando à atual exposição, às 15 esculturas e 27 desenhos da atual exposição, destaquem-se: “Dois Touros”, “Cavalo Branco”, “Cabeça com dois braços e três pernas”, em terracota, a série com tintagem apresentada em triângulo, “Figura Bizarra” (1952), “Ser Estranho” com três braços (1949), e “Homem cabeça”, de terracota e engobes (1971). O artista não procurava, na tridimensionalidade, conceber o aperfeiçoamento da expressão e das morfologias: queria viajarem plena invenção sem recusar a vida.

É nesta linha que podemos citar ou repetir que Jorge Vieira inventou assim espécimes de raiz humana, ou pertencente ao imaginário plural da reinvenção da vida, mostrando-nos estas peças de barro, combinações bizarras, insólitas, gente de algum lado e outra escala: «troncos que se tornam cabeças, chifres que se transformam em patas de animais, pernas isoladas com uma sorridente cabeça sobreposta.» ■

### JORGE VIEIRA, DESENHO E ESCULTURA

Galeria São Mamede, Rua da Escola Politécnica 167, Lisboa. De segunda a sexta, 10h/13h e 14h/19h; sábado, 10h30/13h30. Até 27 de junho.